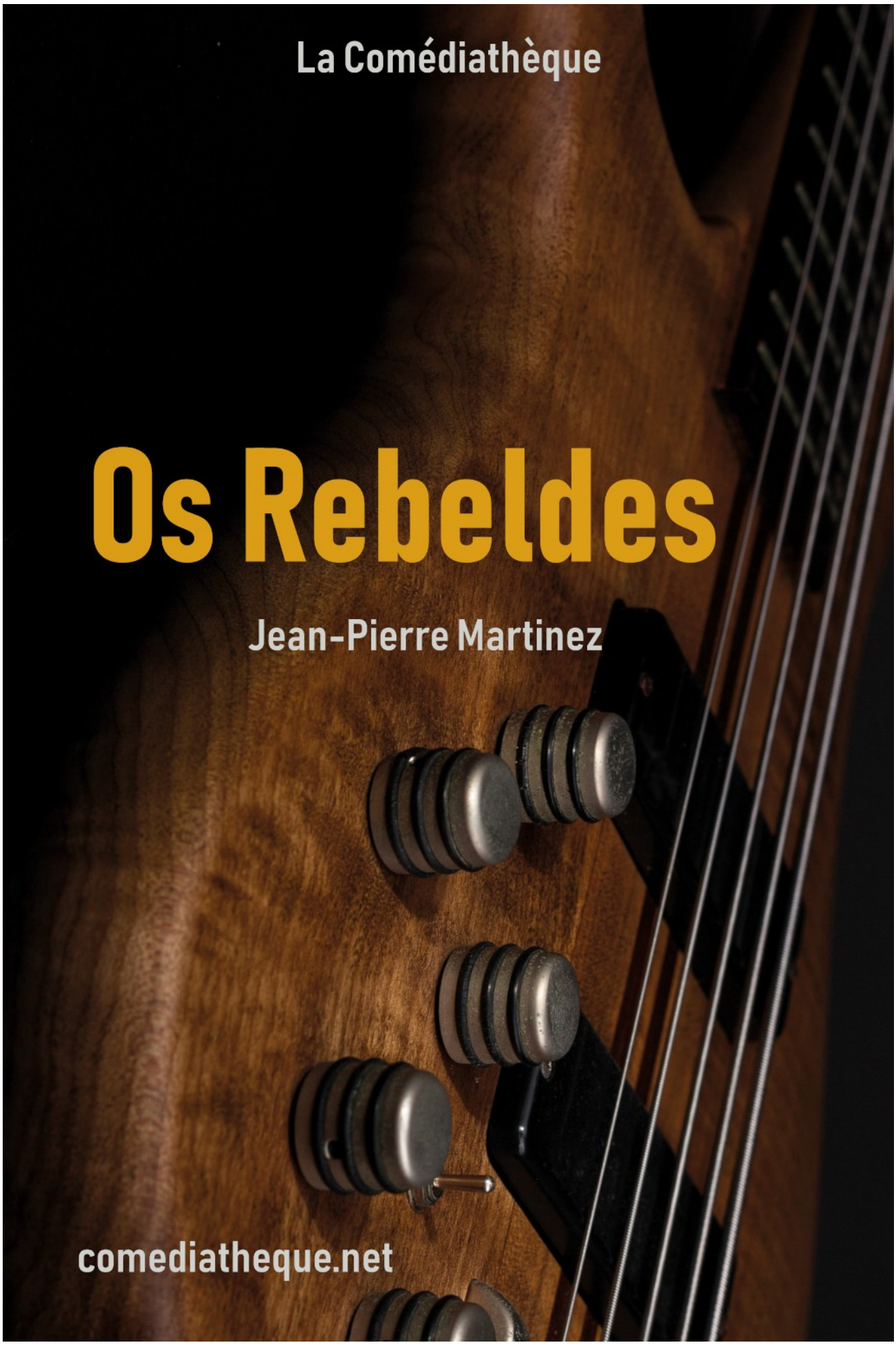

La Comédiathèque
Os Rebeldes
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Os Rebeldes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na idade adulta, a nossa vida nem sempre é aquela com que sonhávamos aos vinte anos. E as recordações idealizadas dessa idade pouco têm, muitas vezes, que ver com a juventude que realmente vivemos. Entre a vida que imaginámos e aquela que acabámos por ter, instala-se a nostalgia de todas as possibilidades perdidas. Resta a pergunta: será que poderíamos ter vivido de outra maneira ou estava tudo escrito desde o princípio? Esta comédia agridoce traça, em pequenos encontros, o retrato tragicómico de várias personagens cujos destinos não seguiram o rumo que esperavam.

Personagens

Vincent

Fred

Max

Tom

Cécile

Alice

© La Comédiathèque

1. Entrada de emergência

Um homem está de pé, de braços cruzados, diante de uma porta imaginária. Chega uma mulher.

Cécile – Desculpe, é aqui a entrada dos artistas?

Tom – Afirmativo.

Cécile – Então é por aqui que eles vão sair.

Tom – Quem?

Cécile – Os músicos do grupo! Os Rebeldes!

Tom – Ah, acho que não.

Cécile – Mas acabou de me dizer que era aqui.

Tom – Eu disse-lhe que era a entrada dos artistas.

Cécile – E então?

Tom – Não disse que fosse a saída dos artistas.

Cécile – Também há uma saída dos artistas?

Tom – Não faço ideia, menina. Disseram-me para vigiar esta porta. É o que estou a fazer...

Cécile – Mas veja: ao lado da placa «Entrada dos artistas» está escrito «Saída de emergência».

Tom – Ah, pois está...

Cécile – Portanto, também podem sair por aqui.

Tom – Se houver um incêndio, sim.

Cécile – Acha que só sairão por aqui se houver um incêndio?

Tom – Um incêndio ou...

Cécile – Se existe uma saída de emergência, talvez também exista uma entrada de emergência.

Tom – Para quê?

Cécile – Não sei... Para o caso de haver um incêndio cá fora.

Tom – Talvez.

Cécile – Portanto, não sabe por onde vão sair?

Tom – Não.

Cécile – Para vigilante, está muito mal informado...

Tom – Limito-me a fazer o meu trabalho.

Cécile – E qual é o seu trabalho?

Tom – Vigiar a entrada dos artistas.

Cécile – Para quê?

Tom – Para não deixar entrar ninguém.

Cécile – Exceto os artistas.

Tom – Exceto os artistas.

Cécile – Mas eu não quero entrar. Só quero pedir-lhes um autógrafo quando saírem.

Tom – Para saírem, primeiro têm de ter entrado.

Cécile – Ah, ainda não entraram?

Tom – Não.

Cécile – Podia ter-me dito logo.

Tom – Não perguntou.

Cécile – Está bem...

Tom – Pode perguntar-lhes quando entrarem.

Cécile – Perguntar-lhes o quê?

Tom – Por onde tencionam sair.

Cécile – Não seria mais simples pedir-lhes logo um autógrafo quando entrarem?

Tom – Isso é consigo.

Cécile – E se me deixasse entrar?

Tom – Para quê?

Cécile – Para esperar por eles lá dentro. Parece-me que vai chover...

Tom – Isso é que não pode ser, menina. A menos que...

Cécile – A menos que...?

Tom – A menos que me dê o seu número de telefone.

Cécile – Tem uma lata...

Tom – Estou a brincar consigo.

Cécile – O quê?

Tom – É claro que eles já entraram. O concerto começa daqui a um quarto de hora.

Cécile – Está a ver-se que tem graça. Para vigilante...

Tom – É porque não sou vigilante.

Cécile – Então quem és?

Tom – Vim ao concerto, como tu. Saí para fumar um charro enquanto espero que comece. São uma banda do bairro, não os Rolling Stones. Achas que têm dinheiro para pagar a um segurança?

Cécile – Não sei...

Tom – Pelo menos já têm uma fã. Aliás, és a única. Vão ficar contentíssimos.

Cécile – Eu também estava a gozar contigo. Procurava a entrada dos artistas para entrar sem pagar. Como te tomei por um segurança...

Tom – Estou a ver...

Cécile – Achas que consigo entrar por ali?

Tom – De certeza. Eu consegui sair.

Cécile – Pronto, então vou...

Tom – Mas continuo sem perceber porque insistes em entrar pela saída de emergência.

Cécile – Já te disse. Para não pagar.

Tom – Pagar? Mas o concerto é de borla! Achas que alguém pagava para ouvir os Rebeldes?

Ela fica perplexa.

Cécile – Tens razão. Devo tê-los confundido com outra banda...

Tom – Dá-me o teu número. Quando houver uma banda que valha mesmo a pena, telefono-te.

Cécile – Está bem...

Acende um charro e oferece-lho.

Tom – Queres? É libanês.

Ela aceita o charro, dá uma passa e faz uma careta.

Cécile – Isto veio mesmo do Líbano?

Tom – Bem, o tipo que mo vendeu era libanês. Pelo menos foi o que me disse...

2. Uma nota dissonante

Max está a afinar a guitarra-baixo. Fred entra com uma guitarra.

Max – Já deste uma espreitadela à sala?

Fred – Sim...

Max – Está a abarrotar! Até há quem esteja a tentar entrar pela saída de emergência.

Fred – Ah, sim?

Max – Não vais acreditar: uma rapariga pediu-me um autógrafo.

Fred – Deste-lhe o teu número?

Max – Nem sequer...

Fred – Não era gira?

Max – Tinha catorze anos.

Fred – Percebo...

Max – Mas estás a ouvir?

Fred (*com a cabeça noutro lugar*) – O quê?

Max – Estão a ficar impacientes! Já estão a bater palmas! O público está a chamar por nós!

Fred – Ah, sim...

Max – Fred, estou a sentir que hoje vai acontecer qualquer coisa. Daqui a uns anos, quando lançarmos o terceiro álbum e tocarmos pela primeira vez no Olympia, em Paris, vamos lembrar-nos deste concerto e dizer que foi aqui que tudo começou.

Fred parece estar à procura de algo.

Fred (*preocupado*) – Pois...

Max – Estás bem? Não estarás demasiado pedrado?

Fred – Não, não... Bem, sim, mas...

Max – O que se passa?

Fred – Parti uma corda.

Max – Tens tempo de sobra para a trocar. E, se os fizermos esperar um pouco, ainda aumentamos a expectativa.

Fred – O problema é que não tenho uma de substituição.

Max – Não tens cordas suplentes?

Fred – Tenho cordas, mas não daquela.

Max – Como assim, não essa?

Fred – A corda de si. Não tenho nenhuma corda de si.

Max – Estás a brincar?

Fred – Não...

Max – Porra, Fred...

Fred – Não tens uma tu?

Max – Tenho dois jogos de cordas suplentes para o meu baixo. E as cordas de baixo raramente se partem.

Fred – Desculpa...

Max – Não há uma loja de música aqui perto?

Fred – É domingo.

Max – Merda... Então, o que fazemos?

Fred – Então toco sem ela, pronto.

Max – Ótimo...

Fred – Ainda me restam cinco.

Max – Desde que não partas mais nenhuma...

Fred – É o meu lado destrutivo. O Jimi Hendrix também partia as guitarras em palco...

Max – Sim, mas esperava pelo fim do concerto. E aposto que levava cordas de substituição. Porque é que tu não levas?

Fred – Não tinha dinheiro.

Max – Pois. Mas para comprar erva tens sempre dinheiro.

Fred aproxima-se de Max, ameaçador.

Fred – Olha lá, achas que és a minha mãe?

Max – És tu que me tratas como se eu fosse a tua mãe. Tenho de trazer cordas para a tua guitarra de merda? Estou farto de tocar com um bando de falhados!

Fred – Ninguém te obriga a ficar, Max. Estás a estragar a diversão a toda a gente. Estamos aqui para nos divertirmos, não para ouvir os teus sermões.

Fred sai. Entra Vincent.

Vincent – Já viste quanta gente está na sala?

Max – Sim.

Vincent – Desde que temos uma vocalista, o público aumentou imenso. Já reparaste?

Max – Canta fora de tom.

Vincent – Pelos vistos, os tipos não vêm só para a ouvir... Algum problema?

Max – O Fred partiu uma corda.

Vincent – E então?

Max – Ele não tem corda suplente.

Vincent – Merda... *(Tira um charro, acende-o, dá uma passa e oferece-o a Max.)* Queres? É libanês...

Max – Não, obrigado, prefiro manter-me lúcido...

Vincent *(a rir)* – Lúcido?

Max – Então, tu também estás pedrado.

Vincent – Completamente. Bom, vamos? Acho que o público está a chamar por nós...

Max – Porra, Vincent, não percebes! O Fred já toca pessimamente com seis cordas. Imagina com cinco! Vão arrasar-nos...

Vincent – O público? Não te preocupes. São os nossos amigos! E estão ainda mais pedrados do que nós...

3. A partida

Vincent e Fred estão sentados a uma mesa, a beber café.

Vincent – Fantástico... Então vais-te embora daqui a três semanas?

Fred – A 1 de maio, sim. No Dia do Trabalhador, vou eu de férias durante um ano. Ou mais, logo se vê...

Vincent – Não serão exatamente férias, pois não?

Fred – Quando precisar de dinheiro, trabalho um bocado como cozinheiro ou empregado de mesa. Lá arranja-se trabalho facilmente. E os franceses têm boa reputação, sobretudo na restauração. Já para não falar das mulheres...

Vincent – O mito do amante francês... Que sorte a tua. Vais divertir-te à grande.

Fred – Podes vir comigo.

Vincent – Infelizmente não posso. Em setembro começo um estágio num banco em Paris. E, se não quiser perder três horas por dia nos transportes, vou ter de trabalhar este verão para pagar um quartinho de mansarda.

Fred – Pois...

Vincent – É muito menos glamoroso.

Fred – Sem dúvida...

Vincent – Já contaste ao Max?

Fred – Sim. Vi-o ontem.

Vincent – E como é que ele está?

Fred – Sabes como ele é... O Max nunca está totalmente bem.

Vincent – Tem o exame para professor daqui a dois meses e anda com os nervos em franja.

Fred – Quase não nos vemos.

Vincent – Acho que ele está a trabalhar muito.

Fred – Ou talvez esteja ressentido comigo. Não sei porquê.

Vincent – Acho que está zangado connosco por termos deixado a banda. E agora tu vais embora. Acabaram-se os Rebeldes?

Fred – Já tinham acabado, não?

Vincent – Temos de admitir: nunca íamos ser estrelas.

Fred – Não estrelas do rock, pelo menos...

Vincent – Vendi a bateria para pagar a caução do quarto.

Fred – E eu vendi a minha guitarra para comprar o meu bilhete de avião.

Pausa.

Vincent – Os Rebeldes... Que nome tão parvo. Já nem me lembro quem o inventou.

Fred – Fui eu.

Vincent – Ah, sim, é verdade...

Fred – No colégio interno religioso onde estudava, aquilo era uma prisão. Só podíamos sair ao fim de semana, e apenas se não estivéssemos de castigo. E, evidentemente, não havia raparigas.

Vincent – Uau...

Fred – Imagina, na idade em que só pensávamos em perder a virgindade, passávamos a semana inteira rodeados de rapazes, de dia e de noite. Ainda não percebi como é que saí de lá heterossexual.

Vincent – E não tentaste fugir?

Fred – Um dia organizei uma greve contra as nossas condições de detenção. Todos pareciam dispostos a participar. Mas, de quatrocentos alunos, só três se recusaram a voltar às aulas.

Vincent – Os Rebeldes...

Fred – Havia um colega meu que se dizia comunista. Era excelente aluno, muito empenhado politicamente. Perguntei-lhe porque não participava no protesto. Sabes o que respondeu?

Vincent – Não.

Fred – «Isto é uma rebelião, não uma revolução.»

Vincent – Ah, sim...

Fred – Não sei como vai hoje a revolução dele. Eu tento continuar a ser um rebelde.

Vincent – E como é que acabou a vossa rebelião?

Fred – Esperava ser expulso, mas nem isso. Ficámos de castigo durante quatro fins de semana seguidos.

Vincent – Ah, sim, lembro-me. Não te vimos durante muito tempo.

Fred – Jurei a mim mesmo que, depois da escola, nunca mais me deixaria fechar em sítio nenhum. Muito menos num escritório...

Vincent – Pois...

Fred – Não te assusta a ideia de passar a vida num banco?

Vincent – Que queres? Não sou tão bonito como tu. Se quiser conquistar raparigas, não posso contar só com o meu aspeto. Tenho de ganhar muito dinheiro...

Fred – Vou aproveitar enquanto sou novo e bonito. Depois aposto tudo no sentido de humor.

Silêncio.

Vincent – Mas vens à Normandia para os meus anos, certo? Faço anos a 30 de abril, na véspera de partires.

Fred – Claro.

Silêncio.

Vincent – Tens a certeza de que estás bem?

Fred – Na maior...

Vincent – Era o que querias, não? Ir-te embora daqui. Conhecer o mundo.

Fred – Sim... Daqui a três semanas, a América espera por mim! Mando-vos postais, prometo.

Vincent – E voltaremos a ver-nos.

Fred – Claro...

Trocam um olhar significativo.

4. O futuro

Cécile e Alice estão sentadas a tomar café.

Alice – Vais à Normandia para o aniversário do Vincent?

Cécile – Vou. Posso dar-te boleia, se quiseres. A minha mãe empresta-me o carro.

Alice – Ótimo. *(Uma pausa.)* Acho que o Max também vai.

Cécile – Está bem... *(Uma pausa.)* Mas porque me dizes isso?

Alice – O quê?

Cécile – Por causa do Max.

Alice – Disse-o assim, sem mais...

Cécile – Vá lá... Ouvi uma insinuação na tua voz...

Alice – De maneira nenhuma.

Cécile – Vamos ser umas cem pessoas na festa. Porque é que me falas do Max?

Alice – Não sei... O Max e tu...

Cécile – Que tolice. Quem te disse isso?

Alice – Ninguém. Mas toda a gente sabe que ele está apaixonado por ti, não é?

Cécile – Toda a gente?

Alice – Excepto tu, aparentemente. Não gostas dele?

Cécile – Foi ele quem te pediu para me dizeres isso?

Alice – Nada disso, juro... (*Uma pausa.*) Bem, um bocadinho...

Cécile – Pensava que já tínhamos passado da idade destas infantilidades.

Alice – Pois, ele ainda não passou. (*Uma pausa.*) Então?

Cécile – Gosto muito dele, mas é só um amigo.

Alice – Entendo.

Cécile – Sim, claro, já percebi que...

Alice – O quê?

Cécile – Que às vezes olha para mim de uma maneira estranha.

Alice – É bastante bonito, não é?

Cécile – Mas é tão sério! Se me deitasse com ele uma noite, na manhã seguinte já me levava o pequeno-almoço à cama e me pedia em casamento. E um mês depois estávamos a encomendar móveis para a casa.

Alice – E...

Cécile – Não me consigo imaginar nessa vida.

Alice – Entendo.

Cécile – E, francamente, um tipo que nem tem coragem de te perguntar pessoalmente se queres sair com ele...

Alice – Deve ter tido medo de levar um não.

Pausa.

Cécile – E tu?

Alice – Eu?

Cécile – Gostas do Max?

Alice – Não sei... Por que não...

Cécile – Ah, sim?

Alice – Só disse... por que não.

Cécile – E ele manda-te falar comigo, em vez de vir falar ele próprio...

Alice – Parece que o impressionas.

Cécile – Infelizmente, não posso dizer o mesmo. Vocês veem-se muitas vezes?

Alice – Às vezes estudamos juntos para o exame de acesso ao ensino.

Cécile – Já percebo... Digo-lhe que gostarias de sair com ele?

Alice – Seria bastante divertido...

Cécile – Sim.

Alice – Mas um pouco cruel.

Cécile – Foi ele que se pôs a jeito, não foi?

Riem.

Alice – E tu, o que farás no próximo ano?

Cécile – Não sei... Nem sequer sei o que vou fazer neste verão.

Alice – Não vais deixar a universidade, pois não? Como o Fred...

Cécile – O Fred?

Alice – O Fred parte para os Estados Unidos no dia 1 de maio.

Cécile – Ah, sim... Vai ficar lá muito tempo?

Alice – Não sei.

Cécile – O Fred é um tipo curioso.

Alice – Mais divertido que o Max, certamente.

Cécile – Não, quero dizer... ele está sempre a brincar, mas...

Alice – O quê?

Cécile – Não sei se é tão feliz como finge.

Alice – Achas que é gay?

Cécile – Não, nada disso... Ou talvez, não sei. Achas que é?

Alice – Não sei. Experimenta e logo vês...

Cécile – De qualquer forma, tem toda a razão em ir-se embora.

Alice – Sim... Já foste alguma vez aos Estados Unidos?

Cécile – Acho que o mais longe a que fui na vida foi à Ardèche.

Alice – A sério? Nunca andaste de avião?

Cécile – Já... Para ir à Ardèche.

Alice – Estás a brincar?

Cécile – Não estou a brincar. E tu? Já viajaste muito?

Alice – Bem, mudei de casa muitas vezes até aos dez anos. O meu pai era militar. Mas mudar de casa não é propriamente viajar. Vivi na Alemanha e em vários países africanos. Nem me lembro de quais. Para mim, cada mudança significava deixar as amigas para trás. Quando chegava a um sítio, sabia que não devia criar laços: seis meses ou dois anos depois, no máximo, íamo-nos embora. E nunca mais as voltava a ver.

Cécile – E depois?

Alice – Depois o meu pai morreu e deixámos de mudar de casa. É horrível dizê-lo, mas acho que a morte dele foi um alívio para mim... Finalmente podia criar raízes. *(Está quase a chorar.)* Tu não te vais mudar, pois não?

Cécile – Não, fica descansada... Eu fico aqui.

Cécile pousa a mão sobre a de Alice, para a tranquilizar.

5. Táxi

Alice está à espera de alguma coisa. Tom chega e põe-se também à espera. Olha-a de soslaio; ela evita o seu olhar.

Tom – Desculpa, estás à espera de um táxi?

Alice – Sim...

Tom – Não te preocupes, não é... não te perguntei só para meter conversa.

Alice – Uma conversa?

Tom – Quero dizer, não estou a tentar engatar-te. Só queria mesmo saber se estás à espera de um táxi.

Alice – Está bem...

Tom – Podias estar à espera de outra coisa.

Alice – Que mais podia estar à espera numa praça de táxis? De um autocarro?

Tom – Então estás à espera de um táxi...

Alice – E...?

Tom – E, como chegaste primeiro, o próximo táxi é para ti. Era só por isso que perguntava. Assim já sei que tenho de esperar pelo seguinte.

Alice – Que pena para ti.

Tom – Não, não peças desculpa... Não faz mal.

Alice – Não estava a pedir desculpa.

Uma pausa.

Tom – Agora é que me surgiu uma dúvida...

Alice – Outra vez?

Tom – Tens a certeza de que isto é mesmo uma praça de táxis?

Alice – Há uma placa a dizer «TÁXI».

Tom – Pois, mas isso não prova nada.

Alice – Ah, não?

Tom – Num sítio destes, não sei se haverá realmente uma praça de táxis.

Alice – Então porque é que está lá escrito «TÁXI»?

Tom – Se calhar é apenas um lugar de encontros.

Alice – Um lugar de encontros?

Tom – Quero dizer, um ponto de encontro. Nas estações pequenas de província isso é bastante comum.

Alice – Isto não é propriamente uma estação de aldeia...

Tom – Refiro-me às terras pequenas. As pessoas pedem um táxi de véspera para ir ao hospital ou a outro sítio qualquer. E no dia seguinte o táxi vem buscá-las a esta placa, à hora combinada.

Alice – Ah, é?

Tom – Pediste um táxi?

Alice – Não.

Tom – Só nos resta esperar que seja uma verdadeira praça de táxis...

Um silêncio mais longo, enquanto a dúvida se instala.

Alice – Então achas que estamos aqui a perder tempo?

Tom – Não sei...

Um momento.

Alice – E se telefonássemos para uma central de táxis?

Tom – Isso é em Paris. Talvez também nas cidades grandes. Aqui, duvido...

Alice – Bem... então esperamos.

Um momento.

Tom – Tens horas? *(Alice olha-o com estranheza.)* Não estou a perguntar para...

Alice – Meter conversa?

Tom – Não tenho relógio... *(Alice repara no relógio que ele traz ao pulso.)* Quer dizer, tenho, mas... ficou sem pilha.

Alice – Então porque é que continuas a usá-lo?

Tom – Não sei... Já me tinha afeiçoado a ele.

Alice – Entendo...

Tom – Estou a brincar. A pilha acabou agora mesmo.

Alice – Que azar.

Tom – Então...

Alice – Então?

Tom – Tens horas?

Alice – Ah, desculpa... *(Olha para o relógio.)* Está quase a dar meia-noite.

Tom – Meia-noite...

Alice – Pois... É pouco provável que alguém tenha marcado um táxi para ir ao hospital a esta hora.

Tom – A não ser que seja uma urgência. Mas, no caso de um enfarte ou de um AVC, ninguém marca táxi na véspera, pois não?

Alice – Não... provavelmente não.

Tom – Não sei... Se calhar isto é mesmo uma praça de táxis.

Alice – Vamos esperar mais um pouco.

Tom – Mesmo que seja, isso não quer dizer que apareça algum táxi. Ao domingo, à meia-noite, nesta terra de fim do mundo...

Alice – És um otimista, tu... Já estou arrependida de ter começado esta conversa.

Tom – Desculpa... Às vezes até consigo ter graça, sabes?

Alice – Sem querer, suponho.

Tom – Posso perguntar para onde vais?

Alice – Para quê?

Tom – Não é que eu esteja a...

Alice – A tentar engatar-me?

Tom – É que já seria um milagre aparecer um táxi na próxima hora, quanto mais dois. Se formos mais ou menos na mesma direção, podíamos partilhar um. O táxi, quero eu dizer.

Alice – Pois... Não sei.

Tom – Para onde vais?

Alice *(apontando numa direção)* – Vou para ali...

Tom *(desconcertado)* – Ah, pois...

Alice – E tu?

Tom – Eu também... Mais ou menos...

Alice – Primeiro tem de aparecer um táxi.

Tom – Juro que não estou a tentar engatar-te, mas...

Alice – Se não começasses todas as frases com «não estou a tentar engatar-te», talvez fosses mais convincente.

Tom – Desculpa...

Uma pausa.

Alice – Vá, desembucha.

Tom – É que... tenho a impressão de já te ter visto em qualquer lado.

Alice fica intrigada.

Alice – Espera lá. «Tens horas?», «Não te conheço de algum lado?»... Só falta perguntares «Não tens lume?». Descansa, já metemos conversa.

Tom – Está bem.

Alice – Se tens alguma coisa interessante para dizer, força, estou a ouvir. Poupa-me aos preliminares, porque já percebi que não são o teu forte...

Tom – Desculpa, mas juro que me parece que já te vi em qualquer lado.

Alice – Desculpa, estou um pouco nervosa...

Uma pausa. Tom tira um cigarro e procura nos bolsos qualquer coisa para o acender. Não encontra.

Tom – Agora até tenho vergonha de perguntar se tens lume...

Alice – Não tenho. Não fumo.

Ele guarda o cigarro.

Tom – Paciência... Quer dizer, para mim. Ainda bem que não fumas.

Alice – Sim.

Um momento.

Tom – À espera de um táxi...

Alice – Sim, percebi.

Tom – Não. Era o título de uma canção que escrevi há muitos anos.

Alice – Escreves canções?

Tom – Sim... Quer dizer, já não escrevo. Porquê? Tenho ar de compositor?

Alice – Não sei. Não conheço compositores pessoalmente. E de que falava a canção?

Tom – De um tipo que... estava à espera de um táxi.

Alice – Isso já tinha percebido pelo título. E depois?

Tom – Foi há muito tempo. Já nem me lembro bem, mas o refrão era: «Espero um táxi, táxi, táxi...»

Alice – «Espero um táxi, táxi, táxi»?

Tom – Sim. É o que me lembro...

Alice – Entendo... E no final, o teu táxi chegou?

Tom – Não... Na verdade, continuo à espera dele.

Alice – Não é muito encorajador.

Tom – A história do táxi era simbólica, claro. Um tipo à espera de um táxi que o levasse a algum lado. Era um bocado eu quando era mais novo. Ou qualquer pessoa. Aos dezoito anos estamos todos à espera que aconteça alguma coisa. Que a vida venha ao nosso encontro. Que apareça alguém...

Alice – Estou a ver. Mas, no teu caso, não apareceu ninguém.

Tom – Não... Bem, já apanhei muitos táxis desde então. Mas nenhum me levou para onde eu queria realmente ir.

Alice – E para onde querias ir, exatamente?

Tom – Não sei...

Alice – Pois eu, neste momento, só queria ir para casa.

Tom – Então não moras com os teus pais.

Alice – Não. Porquê? Vives com os teus pais?

Tom – Não... Bem, depende.

Alice – Depende?

Tom – Depende dos dias.

Alice – Entendo...

Um momento de silêncio.

Tom – Já sei! Agora lembro-me!

Alice – De quê?

Tom – De onde é que nos conhecemos.

Alice – E então?

Tom – Estavas naquela festa em casa do Vincent, esta noite.

Alice – Sim, de facto... Desculpa, não me lembro de ti.

Tom – Convidei-te para dançar, mas disseste que não...

Alice – Devo ter-te marcado imenso, para só agora te lembrares de mim.

Tom – É que lá a luz era mais suave e tu parecias mais... Aqui, com estas lâmpadas fluorescentes...

Alice – Muito obrigada.

Tom – Não, mas também és muito bonita aqui.

Alice – E agora tens a certeza de que não estás a tentar engatar-me?

Tom – Agora, se calhar, um bocadinho...

Alice – Ia voltar com uma amiga que tem carro, mas ela conheceu um rapaz na festa e...

Tom – Ah, que azar. Quero dizer, para ti.

Alice – Pensei que poderia encontrar um táxi. E tu?

Tom – A verdade é que eu nem estava propriamente convidado. Uma amiga convidou-me, mas, à última hora, não pôde vir...

Alice – Portanto, não conhecias ninguém.

Tom – Não me via a pedir para dormir em casa de desconhecidos.

Alice – Isso fica-te muito bem.

Tom – Vim de comboio, mas perdi o último. O próximo é amanhã às sete e trinta e dois, já confirmei.

Alice – E entretanto, a estação está fechada.

Tom – Não sei se vale a pena esperar.

Alice – Pelo táxi, queres dizer?

Tom – Temos de encarar os factos: esta noite não vai aparecer nenhum táxi.

Alice – Moro a trinta quilómetros daqui. Não posso ir a pé.

Tom – Tirando o comboio das 7h32, não vejo outra opção.

Alice *(olhando para o relógio)* – Ainda nem é meia-noite! Não vamos ficar aqui sete horas!

Tom – Sobretudo porque não está muito calor.

Alice – Poderíamos voltar para lá, claro, mas...

Tom – Queres dizer, voltar à festa?

Alice – A casa do Vincent, sim.

Tom – Honestamente, não tenho a certeza de querer voltar lá.

Alice – Ah, sim?

Tom – Na verdade, foi o Vincent que me pôs na rua.

Alice – Ah, sim? Porquê?

Tom – Uma história esquisita de dinheiro que desapareceu de uma mala de mão. Como eu era o único desconhecido, passei a ser o suspeito ideal. Juro-te que não fui eu.

Alice – Eu sei.

Tom – Obrigado. Então não tenho ar de quem rouba dinheiro das malas alheias em festas para as quais nem sequer foi convidado?

Alice – Sinceramente? Um bocadinho, tens.

Tom – Então, como sabes que não fui eu quem roubou esse dinheiro?

Alice – Porque o dinheiro era meu. Julguei que o tinha perdido. Contei à Cécile, que foi contar ao Vincent. Mas acabei de o encontrar no forro da minha mala.

Tom – Portanto, foi por tua causa que me puseram na rua como se eu fosse um ladrão.

Alice – Não sabia que a Cécile ia contar ao Vincent, nem que aquilo ia dar tamanha confusão. Foi por isso que saí. Estava muito constrangida...

Tom – E eu também.

Alice – Sinto muito.

Tom – Sim.

Alice – Olha, se aparecer um táxi, levo-te comigo. Deixo-te em casa e pago eu a viagem.

Tom – Não corres muitos riscos. Nenhum táxi virá aqui esta noite.

Alice – Então o que posso fazer para me perdoares? Embora isto não tenha sido bem culpa minha...

Tom – Gritar «Ladrão!» porque não encontras o dinheiro e deixar que acusem um inocente...

Alice – Bem, não é para tanto. Eu não acusei ninguém, foi a minha amiga quem...

Tom – Vi ódio naqueles olhares. Podiam ter-me linchado...

Alice – Tens a certeza de que não estás a exagerar um pouco?

Tom – Está bem, há uma coisa que podes fazer para eu te perdoar.

Alice – Diz.

Tom – Concede-me esta dança.

Alice – Desculpa?

Tom – Convidei-te para dançar na festa e recusaste. Agora concede-me esta dança.

Alice – Aqui? Numa praça de táxis?

Tom – Não temos nada urgente para fazer, certo?

Alice – Nem sequer há música!

Tom – Tenho música no telemóvel. Deves-me esta, não achas?

Alice hesita.

Alice – Está bem, mas vamos só dançar, está bem?

Tom – Está bem.

Tira o telemóvel do bolso, põe uma música lenta bem clássica, deixa o aparelho no chão e abre os braços.

Alice – Andas sempre com uma música lenta preparada para quando conheces uma rapariga numa praça de táxis?

Tom – Se preferires outra música...

Alice – Bem, vamos lá. Afinal, que risco corro, se não estás a tentar engatar-me?

Ela deixa que ele a abrace e começam a dançar.

6. O pedido

Alice está a tomar café. Entra Max.

Alice – Como estás?

Max – Estou com uma ressaca, mas estou bem. Acho que bebi champanhe a mais...

Alice – Não é todos os dias que vemos casar o nosso melhor amigo.

Max – Não...

Alice – Foi uma bonita cerimónia.

Max – Sim.

Alice – Há muito que não estávamos todos juntos assim.

Max – Sim... Bem... quase todos...

Alice – Devíamos fazer isto mais vezes.

Max – Sim. Vamos ter de encontrar outra ocasião.

Pausa.

Alice – Até tenho uma ideia, mas...

Max – Ah, sim?

Alice – E tu, não tens?

Max – Não sei...

Pausa.

Alice – Já estamos juntos há algum tempo. Estou grávida...

Max *(fingindo-se surpreendido)* – Estás grávida?! *(Ela não acha graça.)* Estou a brincar...

Alice – Eu sei que, tradicionalmente, devias ser tu a pedir-me em casamento. Mas, como nunca mais te decides...

Max – Desculpa. Não pensei que isso fosse tão importante para ti.

Alice – Eu não disse que era importante. Mas seria o mais natural, não?

Max – Lógico?

Alice – Quero dizer, vivemos juntos. Vamos ter um filho...

Max – Claro.

Alice – Não precisas de mostrar tanta alegria...

Max – Desculpa. Não estava à espera de ter esta conversa hoje de manhã. Já te disse, estou de ressaca...

Ela levanta-se.

Alice – Já me custou imenso falar no assunto e agora sinto-me... mesmo mal.

Ele levanta-se e abraça-a.

Max – Desculpa, querida. Claro que nos vamos casar. Amamo-nos, não é?

Alice – Desculpa tu. Não fui muito... É a primeira vez que peço alguém em casamento, percebes?

Max – Pois, nota-se um bocadinho.

Alice – Mas também não quero que seja uma obrigação. Se não te apetece...

Max – Alice, queres casar comigo?

Alice – Sim, quero.

Max – Então declaro-nos marido e mulher.

Alice – Pode beijar a noiva...

Beijam-se.

7. Urgência

Vincent está presente. Não parece estar bem. Cécile entra, um pouco aflita.

Cécile – Pronto, consegui falar com eles.

Vincent – E o que disseram?

Cécile – Vão mandar uma ambulância. Como te sentes?

Vincent – Não sinto o meu braço...

Cécile – Vai correr tudo bem. Chegam dentro de minutos... Espero eu.

Vincent – Um enfarte na minha idade... Afinal, só nisto é que fui precoce...

Cécile – Não digas disparates. Pode nem ser um enfarte. Mas é melhor não arriscar.

Vincent – Desculpa lá... Ficares viúva no dia do nosso aniversário de casamento era o cúmulo...

Cécile – Não brinques com isso. Vamos fazer tudo para que te safes.

Vincent – Claro... *(Uma pausa.)* Mas, se eu não me safar, há uma coisa que tenho de te dizer.

Cécile – Não te preocupes com os documentos. Sei melhor do que tu onde está tudo, sou eu que os arrumo. Não queres descansar um bocadinho?

Vincent – Não estava a falar dos papéis. Mas, enquanto a ambulância não chega, podemos conversar, não?

Cécile – Claro. Mas se é para me confessares que me traíste com a minha melhor amiga, pensa bem. Se te derem alta daqui a duas horas, amanhã podes arrepender-te de me teres contado...

Vincent – Nunca te fui infiel, Cécile.

Cécile – Então, estou a ouvir-te...

Vincent – Primeiro, quero que saibas que te amo.

Cécile – Eu sei, Vincent. Dizes-mo todos os dias.

Vincent – E tu respondes que também me amas.

Cécile – Porque é verdade.

Vincent – Mas tu limitas-te a responder. Nunca tomas a iniciativa de mo dizer.

Cécile – Amo-te, Vincent. Como podes duvidar?

Vincent – Sei, mas...

Cécile – O quê?

Vincent – Sempre me perguntei se sou realmente o homem da tua vida.

Cécile – O homem da minha vida?

Vincent – Parece ridículo, mas sempre achei que, no fundo, continuavas apaixonada pelo Fred.

Cécile – Fred?

Vincent – Naquele fim de semana em que festejei os meus anos na Normandia, foste tu que saíste com ele.

Cécile – Isso foi há muito tempo, Vincent. Nós ainda nem namorávamos.

Vincent – Claro. Não estou a acusar-te de me traíres. Não te censuro por nada.

Cécile – Nunca mais o vi depois daquele fim de semana. Nem sequer veio ao nosso casamento. Como podes dizer isso?

Vincent – Precisamente. Talvez, se o tivesses voltado a ver...

Cécile – Só te estás a magoar, Vincent. Achas mesmo que esta é a altura certa?

Vincent – Nunca tive coragem de falar nisso contigo. E talvez não tenha outra oportunidade.

Cécile – A minha história com o Fred durou uma noite. Tinha bebido um bocadinho. Não teve importância. Conheci outros homens antes de ti, sabes?

Vincent – Mas o Fred era o meu melhor amigo.

Cécile – Diz-me, como te sentes?

Vincent – Mal.

Cécile – Parece-me ouvir uma ambulância.

Vincent – É a sirene da polícia. As ambulâncias não fazem esse barulho.

Cécile – Não devem demorar muito agora...

Vincent – Então...

Cécile – Então o quê?

Vincent – Eu também estava naquela festa. Andei atrás de ti. Mas foste com o Fred que acabaste a noite.

Cécile – Sim.

Vincent – Porquê?

Cécile – O Fred ia para os Estados Unidos no dia seguinte. Ia deixar França por muito tempo, talvez para sempre.

Vincent – E por isso saíste com ele?

Cécile – Sabia que não voltaria a vê-lo, pelo menos tão cedo. Sim, talvez estivesse apaixonada por ele. Mas não o amava. Amo-te a ti. E foi contigo que casei.

Vincent – Gostava que me tivesses amado naquela altura.

Cécile – Amo-te agora. E não te vou deixar partir.

Vincent – Não vou partir, prometo.

Cécile – Escolhi-te, Vincent. Poderíamos ter vivido outra vida, tu ou eu? Não acredito. Nem todos os sonhos da juventude foram feitos para se tornarem realidade.

Vincent – Tu eras o meu sonho. E tornaste-o realidade.

Um momento de emoção.

Cécile – Agora sou eu que preciso de te fazer uma pergunta. Tenho de saber.

Vincent – Sim...

Cécile – Já sabias que tinhas problemas de coração?

Pausa.

Vincent – Sim.

Cécile – Mas não me disseste...

Vincent – Terias casado comigo se soubesses?

Cécile – É uma pergunta estranha.

Vincent – Desculpa... Tinha medo de que... Não queria que me visses assim.

Cécile – Assim?

Vincent – Não queria que tivesses pena de mim.

Ela segura-lhe a mão.

Cécile – Ouço outra sirene.

Vincent – Desta vez é mesmo uma ambulância.

Cécile – Vou abrir a porta. Vai correr tudo bem, prometo...

Vincent – Claro... Vai correr tudo bem...

8. Os amigos

Estão sentados à mesa, a beber café. Um silêncio constrangedor.

Fred – Não sabia que ele estava doente... Do coração, quero eu dizer.

Max – Eu também não.

Fred – Pois. Se soubesses, ter-me-ias dito...

Pausa.

Max – Não contou a ninguém. Nem sequer à mulher, pelos vistos.

Fred – Não me admira. O Vincent tinha mentalidade de vencedor. Tudo lhe corria bem.

Max – O maior salário, o carro maior... A mulher mais bonita...

Fred – Gostava que o admirassem. Não teria suportado que tivessem pena dele.

Max – Mas acabou por morrer na mesma.

Fred – Não se pode ganhar sempre.

Max – Pois não... No fim, perdemos todos. Até os que têm mentalidade de vencedor.

Pausa.

Fred – E tu, como estás?

Max – Estou bem.

Fred – Portanto, nunca saíste daqui.

Max – Não. Nem sequer saí da escola, estás a ver? Tornei-me professor lá. Se calhar ainda me reformo no mesmo sítio. Não devo ter mentalidade de vencedor.

Fred – Estava a falar do Vincent. Sempre tão suscetível...

Pausa.

Max – E tu?

Fred – Estou bem.

Max – Continuas no setor imobiliário?

Fred – Sim, mas tenho viajado bastante.

Max – Para os Estados Unidos?

Fred – Estive nos Estados Unidos, na Ásia... Agora vivo no Sul.

Max – No sul de França?

Fred – Lyon.

Max – Casado?

Fred – Já fui casado. E divorciado. E tu?

Max – Divorciei-me e voltei a casar.

Pausa.

Fred – Quanto tempo passou desde a última vez que nos vimos?

Max – Não sei... Muito tempo.

Fred – É uma pena.

Max – Mmm...

Fred – Éramos muito próximos. Éramos amigos.

Max – Sim.

Fred – Ainda somos, não somos?

Max – Claro...

Fred – Mas já não nos vemos.

Max – Tu disseste, vives no Sul.

Fred – Lyon não fica no fim do mundo.

Max – Não. Nem sequer é realmente o Sul.

Fred – Não sei. Onde começa o Sul?

Max – Não sei ao certo. Diria Montélimar.

Fred – Mas Lyon também não é o Norte, nem propriamente o Centro. Será o Leste?

Max – Não exatamente.

Fred – Nem o Oeste, certamente.

Max – Lyon é um desafio para qualquer geógrafo, e eu dou aulas de Geografia. Mais do que um lugar, é um destino. A prova? A Gare de Lyon fica em Paris!

Fred – Tens razão. Lyon fica no meio de coisa nenhuma. Chega-se pela autoestrada e atravessa-se a cidade por um túnel. Deve ser por isso que lá vivo. Sempre me custou fixar-me num lugar...

Max – Eu nunca consegui sair do mesmo sítio. Talvez tenha sido por isso que me tornei professor de Geografia: para viajar sem sair de casa.

Pausa.

Fred – 30 de abril de 2010.

Max – Desculpa?

Fred – A última vez que nos vimos foi a 30 de abril de 2010.

Max – Que memória...

Fred – Era o aniversário do Vincent. Deu uma festa enorme na casa de campo, na Normandia.

Max – Ah, talvez. No casamento dele, de certeza que não foi. Tu não apareceste.

Fred – Estava longe. Em São Francisco, acho eu. Não podia fazer a viagem. Estás a censurar-me?

Max – Não. Estou só a constatar.

Fred – Nunca gostei muito de cerimónias.

Max – Mas vieste ao funeral.

Fred – Vim... *(Uma pausa.)* O que é que aconteceu naquela noite para nunca mais nos termos visto?

Max – Estamos a ver-nos hoje.

Fred – Pois... Mais de dez anos depois. E foi preciso o Vincent morrer...

Max – Já quase não nos víamos antes daquela festa. É a vida. Seguimos caminhos diferentes e deixámos de nos cruzar...

Pausa.

Fred – Então nunca me perdoaste?

Max – Perdoar o quê?

Fred – Sabes muito bem.

Max – Juro que não sei do que estás a falar.

Fred – E nunca me perdoarás.

Max – Mas o quê?

Fred – Por ter andado com a Cécile! Na noite dos anos do Vincent.

Max – Porque haveria de estar zangado contigo?

Fred – Porque suponho que estavas apaixonado por ela.

Max – Que disparate.

Fred – Não estavas apaixonado por ela?

Max – Talvez estivesse... um bocadinho.

Fred – Estiveste sempre apaixonado por ela. Eu apareço naquela noite, já não a via há... e ela atira-se-me para os braços.

Max – Eu não namorava com ela. Não foi como se ela me tivesse traído com o meu melhor amigo.

Fred – Então lembras-te. E ficaste zangado comigo.

Max – Sim.

Fred – Foi ela que veio ter comigo.

Max – Pois claro. E tu deixaste-te levar, como sempre.

Fred – Nunca mais a vi. E ela também não tentou voltar a ver-me.

Max – Porque me contas isso? É menos grave por ter sido só uma aventura de uma noite?

Fred – Passados uns meses, começou a namorar com o Vincent. E a ele nunca lhe guardaste rancor.

Max – Ele casou com ela.

Pausa.

Fred – Continuavas a vê-los?

Max – Sim. De vez em quando. A cidade não é muito grande, sabes.

Fred – Mas nós deixámos de nos ver.

Max – É difícil continuar amigo de quem vive a quinhentos quilómetros. Mas é ainda mais difícil continuar zangado com um amigo que mora em frente.

Pausa.

Fred – Então eu é que sou o mau da fita?

Max – Não disse isso.

Fred – Virás ao meu funeral, pelo menos?

Max – Dizes tolices. E talvez eu morra antes de ti.

Fred – Estava bêbado naquela noite, como toda a gente. Foi ela que veio ter comigo. Deixei-me levar, como dizes. Ela queria estar com alguém. Não sei porquê, escolheu-me a mim.

Max – Provavelmente porque sabia que para ti não ia significar nada. Que nem tentarias voltar a vê-la.

Fred – Se calhar, sim.

Max – Deve ser por isso que as raparigas se atiram todas aos teus braços.

Fred – E deve ser por isso que nenhuma fica comigo.

Max – É verdade, tinha ciúmes. Ciúmes do teu sucesso. Eu era o tipo com quem elas se podiam casar. E isso assustava-as. Invejava a tua despreocupação...

Fred – E eu invejava o teu rigor.

Max – Queres dizer a minha rigidez, suponho.

Fred – Achava que tu ias fazer alguma coisa da vida. Alguma coisa com sentido.

Max – Mas, no fim, nenhum de nós fez nada de importante, não é?

Fred – Nenhum dos três se tornou uma estrela do rock, como sonhávamos quando andávamos de festa em festa com aquela banda...

Max – Os Rebeldes...

Pausa.

Fred – Então é isso... É por causa da Cécile...

Max – Não.

Fred – Não me digas que é por causa do último concerto que demos, aquele em que estraguei tudo por me faltar uma corda na guitarra...

Max – Achas mesmo que é por causa de uma rapariga, Fred? Ou de uma corda partida? Que bastava eu perdoar-te para voltarmos a ser amigos como antes?

Fred – Não sei.

Max – É verdade que, se tivesses tocado melhor, talvez tivéssemos dado mais uns concertos. Mas não sou parvo. Aquela banda não ia durar. Nunca seríamos músicos profissionais. E quanto a sermos famosos...

Fred – Então porque é que deixámos de ser amigos?

Max – Não percebes, Fred. Não estamos zangados. Perdemos o contacto, só isso. E, de certa maneira, é muito pior. Longe da vista, longe do coração, conheces o ditado? Já não fazemos nada juntos. Não temos nada para partilhar. Por isso, já não somos verdadeiramente amigos. A amizade não acaba num dia preciso, como a vida do Vincent. Vamo-nos afastando aos poucos. E evitamos ver-nos porque, quando nos vemos, lembramo-nos da juventude. De todas as promessas que fizemos uns aos outros e a nós próprios, e que não cumprimos.

Fred – Então, para ti, o que é a amizade?

Max – Não sei... É quando a opinião de alguém é importante para ti. Quando nos rimos juntos, quando temos projetos em comum. E quais são os nossos projetos? Voltar a tomar café daqui a um ano, ou dez, por ocasião de outro funeral? Já não temos sonhos em comum, Fred. E nem sei se ainda tenho sonhos. Quando nos vemos, só falamos dos velhos tempos. Por isso não nos vemos. Porque me deprime. A ti não?

Fred – Desculpa...

Max – O quê?

Fred – Por não ter estado presente. Por ter desertado. Por ter desertado da nossa amizade.

Max – Não tens culpa. Eu também não. É a vida. Que projetos poderíamos ainda ter em comum?

Fred – Não sei.

Max – Naquela altura sonhávamos gravar um disco em Inglaterra. E tocar no Golf Drouot, a mítica sala de rock de Paris.

Fred – Nesse caso, acabei por realizar o sonho. Agora jogo golfe todos os sábados com os colegas de trabalho.

Max – Eu não sei jogar golfe. E nem tenho vontade de aprender.

Uma pausa.

Fred – De qualquer maneira, o Golf Drouot já tinha fechado quando começámos...

Max – Estás a ver? Já éramos uns ultrapassados nessa altura.

Fred – Podíamos começar a fazer caminhadas... Com aqueles bastões de caminhada, sabes? É mais adequado à nossa idade do que o rock.

Max – Tu moras em Lyon, eu na periferia de Paris.

Fred – Podíamos caminhar para os lados de Dijon, a meio caminho para ambos. Agora, com o TGV...

Max – Mesmo quando vivíamos a duas ruas de distância, já nos tínhamos afastado. Depois foste embora... Não te censuro, claro. Tinhas outras coisas para viver. Eu também. Simplesmente não eram as mesmas.

Fred – E era preciso arranjar um trabalho a sério para ganhar a vida. Não podíamos ficar presos para sempre a sonhos impossíveis. Já desconfiávamos, mesmo naquela altura, que nunca seríamos estrelas...

Max – De qualquer forma, agora estamos seguros disso.

Fred – E é por isso que já não somos amigos? Porque não realizámos os sonhos da juventude?

Max – Não. Não é só por isso. Podíamos ter encontrado outros sonhos. Até nos podíamos ter rido juntos dos nossos fracassos.

Fred – Então porque é que deixámos de ser amigos?

Max – Quando éramos mesmo amigos, víamo-nos todos os dias. Até partilhámos casa durante algum tempo. Íamos de férias juntos.

Fred – Parece que estás a falar de um casal de velhos.

Max – Um bocadinho, não era? Sem sexo, descansa. Nunca me passou pela cabeça. Mas o amor e a amizade têm isto em comum: não suportam bem coisas requentadas.

Fred – E depois casaste-te. Eu também...

Max – As nossas mulheres tornaram-se as nossas melhores amigas. Com sexo à mistura. E, mesmo depois de nos deixarem, muitas vezes continuam a ser as amigas mais fiéis que temos. Éramos amigos porque éramos solteiros, Fred. A amizade é coisa de solteiros.

Fred – Então, não nos voltaremos a ver?

Max – Não sei. Às vezes, ver-nos é ainda mais triste do que não nos vermos.

Fred – E não tens amigos?

Max – Partilhar um churrasco uma vez por mês e umas férias uma vez por ano, é isso ser amigo?

Fred – Então, o que fazemos?

Max – Não estou a dizer que a culpa é tua. Só quero fazer as pazes comigo mesmo, percebes? Com aquele que eu era quando éramos amigos.

Fred – E se voltássemos a formar uma banda de rock?

Max – Seria patético...

Pausa.

Fred – Tens a certeza de que tudo isso realmente existiu?

Max – O quê?

Fred – Essa amizade de que estavas a falar há pouco.

Max – Não sei. Não?

Fred – Estávamos sempre cheios de ciúmes uns dos outros. Dispostos a qualquer traição para ficar no centro das atenções, ou para conquistar uma rapariga, mesmo que fosse a namorada do melhor amigo. No fundo, odiávamo-nos.

Max – Sim... Mas divertíamo-nos imenso. E, pelo menos, sentíamo-nos vivos. Há quanto tempo não te ris a sério?

Fred – Há algum tempo, creio. Tanto como tu, imagino.

Max – É isso. Já não nos rimos juntos. E nem sei se nos rimos muito, em geral. Rir a sério, até doer a barriga. Lembras-te das gargalhadas que dávamos? Talvez seja isso a amizade. O nosso paraíso perdido. O riso...

Pausa.

Fred – Vou voltar a viver em Paris.

Max – Não é por causa da nossa conversa, pois não?

Fred – Já andava a pensar nisso. Porque Lyon, francamente...

Max – Tu é que sabes...

Fred – Podemos sempre ir caminhar pelo Bois de Vincennes...

Max – É tentador. Vou pensar nisso.

Fred – Tenho de ir. O meu comboio parte daqui a quinze minutos.

Max – Está bem. Tens o meu número.

Levantam-se, hesitam um instante e dão um abraço caloroso. Fred prepara-se para sair.

Fred – Olha, já agora, quanto à minha mudança... posso contar contigo?

Max – É para isso que servem os amigos, não é?

9. O regresso

Fred entra por um lado e Cécile pelo outro.

Cécile – Fred? O que fazes aqui?

Fred – Pois... Como estás a ver, voltei.

Cécile – Voltaste?

Fred – Agora vivo em Paris.

Cécile – Que bom... Estou contente por te ver.

Fred – Eu também... Como estás?

Cécile – Estou... um bocadinho melhor.

Fred – Lamento muito.

Cécile – É a vida... Mas custa muito.

Fred – Entendo.

Cécile – Para vocês também deve ter sido difícil. Eram amigos.

Fred – Sim.

Cécile – E tu, como estás?

Fred – Estou bem.

Cécile – Vais ficar em Paris?

Fred – Comprei uma casa.

Cécile – Conseguiste encontrar uma casa em Paris?

Fred – Trabalho no ramo imobiliário, já sabes.

Cécile – Ah, sim, é verdade.

Fred – Perto do parque Montsouris.

Cécile – O parque Montsouris? Fica no sul de Paris, não é?

Fred – Sim, no sul da cidade. É a primeira casa que compro. Até agora vivi sempre de um lado para o outro.

Cécile – Já voltaste a ver o Max?

Fred – Ainda agora estive com ele. Ajudou-me na mudança.

Cécile – Os amigos estão para isso, não é?

Fred – Sim... E tu, ainda os vês? Quero dizer... desde que se divorciaram.

Cécile – Claro. A Alice continua a ser minha amiga...

Fred – Ah, sim, é verdade... Acho que sem ti...

Cécile – O quê?

Fred – Não é nada, esquece. E tu... vais ficar por aqui?

Cécile – Por enquanto. Depois logo se vê. Ainda não sei muito bem o que fazer da minha vida.

Fred – Estou a ver... Então ainda nos vamos ver?

Cécile – Talvez. Mas agora tenho de ir...

Fred – Claro. Eu também.

Cécile – Até breve, talvez...

Preparam-se para partir, cada um para seu lado. Ele chama-a.

Fred – Cécile?

Cécile – Sim?

Fred – Se naquela noite te tivesse pedido para ires comigo para os Estados Unidos, terias ido?

Cécile – Não me pediste.

Ela sorri e afasta-se. Ele fica um instante imóvel e acaba também por sair.

10. Epílogo — O labirinto

Duas personagens, com máscaras ou vendas nos olhos. Podem ser interpretadas por dois atores do elenco. Entram de lados opostos e não parecem satisfeitas por se encontrarem.

Ele – Então?

Ela – Nada...

Uma pausa.

Ele – E se tentássemos por ali?

Ela – Já venho de lá.

Ele – E por aquele lado, já experimentámos?

Ela – Sim.

Ele – Tens a certeza?

Ela – Absoluta. Várias vezes.

Ele – Então já não sei que fazer...

Um momento.

Ela – Há quanto tempo andamos perdidos neste labirinto?

Ele – Não sei. Muito tempo...

Ela – Todo este tempo à procura da saída e continuamos sem a encontrar.

Ele – E se não houvesse uma?

Ela – Então por onde entrámos?

Ele – Não sei. Lembras-te de termos entrado?

Ela – Não... Mas deve ter havido um momento em que entrámos. Senão, como é que estamos aqui?

Ele – Tens razão. Devemos ter entrado por algum lado.

Ela – Sim. Pela saída.

Ele – Entrámos pela saída?

Ela – Não sei... Achas que poderia haver uma entrada e uma saída?

Ele – Nesse caso haveria duas saídas possíveis...

Ela – E ainda não encontramos nenhuma?

Ele – Ou então havia uma única entrada e alguém a fechou depois de entrarmos.

Ela – Alguém? Quem?

Ele – Não sei... Alguém teve de conceber este labirinto. E, se não fomos nós...

Ela – Tens a certeza de que não somos nós?

Ele – Se tivéssemos sido nós, saberíamos onde está a saída, não?

Ela – Sim, imagino...

Ele – Ou talvez nos tenhamos esquecido.

Ela – Esquecido o quê?

Ele – Da saída. De onde estava.

Uma pausa.

Ela – Achas que somos os únicos neste labirinto?

Ele – De qualquer forma, nunca encontramos ninguém.

Ela – Talvez nunca nos tenhamos cruzado com essas pessoas.

Ele – Isso surpreenderia-me...

Ela – Porquê?

Ele – Sempre que nos separamos para procurar a saída, acabamos por voltar a encontrar-nos aqui.

Ela – É verdade... Nunca encontramos a saída, mas também nunca nos perdemos de vez. Acabamos sempre por nos reencontrar.

Ele – Pois... Estamos condenados a ficar juntos.

Ela – Condenados?

Ele – Disse "condenados"?

Ela – Disseste "condenados a estar juntos".

Ele – Não, queria dizer... Parece ser o nosso destino. Que fomos feitos para viver juntos.

Ela – Então porque é que passamos a vida à procura da saída?

Ele – Não sei.

Ela – Achas que, se encontrássemos a saída, deixaríamos de estar juntos?

Ele – Juntos? Referes-te a fora?

Ela – Sim, lá fora... Achas que, mal saíssemos, cada um iria para seu lado?

Ele – Isso... nunca vamos saber.

Ela – A menos que encontremos a saída...

Ele – Sim.

Ela – E se deixássemos de procurar?

Ele – Deixar de procurar a saída?

Ela – Porque não?

Ele – E o que faríamos em vez disso?

Ela – Não sei... Podíamos... Não sei...

Um momento.

Ele – Se calhar é melhor continuarmos à procura, não?

Voltam a mover-se.

Ela – Vou tentar por ali.

Ele – E eu por aqui.

Ela – Encontramo-nos aqui?

Ele – Combinado...

Saem, cada um pelo lado oposto àquele por onde entrou.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-243-2

Documento para download gratuito